

Multinacionais temem fazer novos investimentos no Brasil

REGIS NESTROVSKI
Especial para O GLOBO

NOVA YORK — Há um ano, a General Motors anuncjava, em Detroit, que investiria US\$ 500 milhões em sua fábrica de São Bernardo do Campo, no ABC paulista e, se desse certo, colocaria mais US\$ 500 milhões, até o fim da década. Atualmente, o investimento está suspenso enquanto a GM aguarda maiores informações sobre os planos da Assembléia Constituinte para o capital estrangeiro no Brasil.

— Estamos esperando para ver o que vai dar. Ninguém pode nos dizer, com certeza, quais são os planos. A época é de incertezas no Brasil e, enquanto não houver regras para o jogo, ninguém investe, afirma em depoimento ao GLOBO o Executivo George Shreck, na sede da GM, considerada a maior empresa do mundo.

O que acontece com a GM não é raro. Aliás, é o que mais está acontecendo com multinacionais americanas, que estão reconsiderando a decisão de reinvestir seus lucros no parque industrial brasileiro. O medo do nacionalismo crescente, de um Congresso protecionista tira milhões de dólares do Brasil, ocasionando a falta de investimento destacada, recentemente, pelo Ministro Dilson Funaro em sua visi-

ta aos Estados Unidos.

— Há áreas — que você bem sabe — não estão abertas ao americano. O ambiente no exterior é de expectativa. Mas as condições não são propícias para o investimento, apesar de, nos Estados Unidos, sempre ter havido um grande interesse em investir no Brasil, diz o Presidente da Câmara de Comércio Brasil-Estados Unidos, Harry Hennenberger, em entrevista ao GLOBO.

A informação de Hennenberger é confirmada pelo Embaixador do Brasil nos Estados Unidos, Marcílio Marques Moreira. Mas o Embaixador prefere pensar mais positivo do que o Presidente da Câmara de Comércio:

— As medidas atuais são para sanear a economia. Isso propiciará a entrada de capitais estrangeiros. O objetivo final recompensará os meios utilizados, lembra Marcílio Marques Moreira.

A indústria automotiva americana é a que mais se resente da falta de política econômica da Constituinte. As indústrias de informática e petrolifera americanas não se pronunciam a respeito, já que a atual legislatura não é convidativa ao capital estrangeiro nestas áreas. Uma política econômica brasileira para o capital estrangeiro é algo muito esperado em Nova York, Detroit e outros parques industriais americanos.